

## **ATLETISMO: UM SENTIDO DA VISÃO DO ESPORTE**

Aline S. DeMoro

Universidade Estadual de Minas Gerais – Campus Ibitaré

Ibitaré, Brasil

alinedemoro@yahoo.com.br

Edevaldo Marques da Silva

Universidade Estadual de Minas Gerais – Campus Ibitaré

Ibitaré, Brasil

dede0981@yahoo.com.br

Francisco Coelho da Silva

Universidade Estadual de Minas Gerais – Campus Ibitaré

Ibitaré, Brasil

sdcoelhosilva@hotmail.com

Laura Cota Duarte

Universidade Estadual de Minas Gerais – Campus Ibitaré

Ibitaré, Brasil

laurinhacotaduarte@yahoo.com.br

Recebido em 16 de julho de 2013

Aprovado em 31 de janeiro de 2014

### **Resumo**

O artigo tem por objetivo apresentar fatos marcantes na trajetória de vida de Anderson Coelho, atleta paralímpico brasileiro. As informações contidas foram obtidas pelo método de história oral. Trata de temas relativos ao esporte adaptado e como ele vem sendo desenvolvido na história do esporte brasileiro. Sugere que a formação de profissionais aptos a atuarem no treinamento de indivíduos com de necessidades especiais tem sido insatisfatória. Os apontamentos finais indicam o quanto parte da sociedade ainda está frágil e até mesmo indiferente às questões expostas. A mídia nos oferece imagens de atletas satisfeitos, porém esconde a realidade no cotidiano dos treinos. A educação da população pode ser a diferença na efetivação da palavra igualdade.

**Palavras-chave:** esporte; atletismo; superação.

## **Abstract**

### **Athletics: A sense of sight of sport**

The article aims to present important facts in the life trajectory of Anderson Coelho, Brazilian Paralympic athlete. The information was obtained by the method of oral history. It also addresses the issues related to adapted sport and how it has been developed in the history of Brazilian sport. Suggests that formation professional able to act in the training of individuals with special needs has been unsatisfactory. The final notes indicate how the part of society is still fragile and even indifferent to the questions posed. The media offers us images of athletes satisfied, but hides the reality in everyday practice. Education and public awareness may be the difference in the effectiveness of the word equality.

**Keywords:** sports; athletics; overcome.

## **Introdução**

Com base no relato da história de vida de Anderson Coelho, o presente trabalho pode contribuir para estudos históricos do esporte e argumentar sobre a necessidade de mudanças na educação da população, bem como nas propostas de políticas públicas direcionadas para a inclusão social dos indivíduos com necessidades especiais. Mostra, ainda, o quanto parte da sociedade ainda está indiferente ou pouco ativa frente às situações de aparente limitação física.

A escolha pelo método de pesquisa de história oral justifica-se, como afirma Alberti (2005) e Booth (2011), pelo fato de a narrativa possibilitar o acesso a detalhes históricos que normalmente não aparecerem em documentos.

Dados históricos obtidos por fontes aproximam fatos ocorridos à contemporaneidade, pois perguntas são lançadas “sobre as memórias que as pessoas têm do passado e como os indivíduos relacionam suas memórias com o presente” (BOOTH, 2011, p. 10).

Alberti (2005) e Booth (2011) concordam que se deve ter cautela em pesquisa

por fontes. O pesquisador pode influenciar respostas através de perguntas impregnadas por suas conceituações. E, ainda, interpretar de forma particular o que foi respondido.

Anderson Coelho é atleta do esporte paralímpico, com vinte e oito anos de idade (na data da entrevista) e compete nas provas dos 800 e 1500 metros na categoria T11 (cego total). Ele perdeu a visão aos dezenove anos de idade e pratica o atletismo há seis anos, aproximadamente. Os treinos ocorrem na Academia de Polícia de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, e seu treinador atual é o ex-atleta Cássio Damião.

A literatura ajuda-nos a compreender melhor o contexto em que vivemos, quando retrata a sociedade em que a história se passa. Na modernidade, o esporte é um dos mais expressivos e observáveis fenômenos sociais. Segundo Elias e Dunning (1992, p. 39) e Booth (2011), o esporte reflete as características organizacionais da sociedade, refletindo as diferenças entre épocas, Estados e classes sociais.

### **Procedimentos**

A pesquisa desenvolveu-se baseada na metodologia de história oral com abordagem indutiva. Primeiramente foi aplicado o termo de consentimento livre e esclarecido (com identificação do entrevistado). Posteriormente, foi realizada a entrevista. A entrevista ocorreu com aplicação de questionário estruturado.

Foram utilizados os seguintes materiais para gravação: Câmera digital Fujifilm-FINE PIX S2550 HD; Câmera Digital Multilaser CR518 5.0 mega pixels e Câmera digital Sony Cyber Shot DSC- 5930 10.0 mega pixels.

Após o registro sonoro e visual dos dados, foi efetuada a transcrição literal da entrevista.

## **O esporte antes do atletismo**

Nas aulas de Educação Física, Anderson participava de campeonatos de futsal interescolares e de provas de corrida. Afirma que só gostava do futsal. Ainda com o sentido da visão em plenitude funcional, jogava futebol e basquete com amigos nos fim de semana, não pensava em correr e até ironizava um colega pelo fato de ele sair cedo e no frio para treinar. Não tinha interesse pelo atletismo e o que sabia sobre o assunto restringia-se ao que a mídia apresentava em épocas de competições mundiais.

Assim que perdeu a visão, Anderson foi para o Instituto São Rafael onde reaprendeu a executar tarefas do cotidiano com o auxílio de amigos e profissionais. Porém, lá ele também conheceu pessoas que o introduziram no alcoolismo. Como o próprio relatou, estava no instituto em busca de diversão, procurando “enxergar de outro modo”.

Juntou-se a um grupo de pessoas que saíam para bares e bebiam muito, e era o que ele queria naquele momento. Estava tornando-se dependente da bebida para interagir com o mundo.

Um professor do instituto o convidou a nadar, e foi quando percebeu que estava sedentário e confuso. Dá-se início a uma fase de adaptações na vida de Anderson.

Importa recorrer a fatos históricos para a melhor compreensão da trajetória do esporte adaptado. De acordo com Marques *et al.* (2009), em 1952 ex-soldados holandeses uniram-se para participar dos Jogos de Stoke Mandeville e, com os ingleses, fundaram a ISMGF- *International Stoke Mandeville Games Federation*-Federação Internacional dos Jogos de Stoke Mandeville.

Iniciou-se um movimento esportivo internacional que viria a ser base para a

criação do que hoje é conhecido como esporte paralímpico. Em 1960, o comitê organizador dos jogos de Stoke Mandeville realizou as competições em Roma, em sequência aos Jogos Olímpicos, utilizando os mesmos espaços esportivos e as mesmas normas das Olimpíadas. Quatrocentos atletas de vinte e três países participaram dos primeiros Jogos Paralímpicos. Inicialmente, até 1976, exclusivos para atletas com lesão medular.

Nos jogos de Toronto, ocorreu a inclusão dos atletas cegos e amputados. Sendo assim, os Jogos Paralímpicos, que começaram como um evento com fortes questões sociais e fins terapêuticos, tornaram-se o maior evento esportivo para os indivíduos com necessidades especiais (MARQUES *et al.*, 2009).

Ainda conforme Marques *et al.* (2009), o movimento da inclusão é uma forma que procura, através de ações articuladas, adaptar os indivíduos com necessidades especiais à sociedade e vice-versa. O esporte passa a ser modificado ou criado para suprir as necessidades dos envolvidos.

Anderson tentou seguir na prática da natação, porém não permaneceu nessa modalidade. Segundo ele, por não assimilar bem as técnicas ditas adequadas para o aprendizado de um “deficiente”. Samulski e Noce (2002) apresentam em seu estudo a necessidade da presença de equipes de psicólogos preparados para auxiliarem os indivíduos com necessidades especiais em seus aprendizados esportivos e na permanência no esporte.

O treino de natação consistia em “pegada alta e pegada baixa”, seguido de corrida na esteira, de acordo com relato de Anderson. O professor de natação passou a observar que o atleta corria bem e que possuía porte físico favorável a um corredor. Encaminhou, então, Anderson a um treinador de atletismo com prática em treinamento

para indivíduos com necessidades especiais.

A sociologia do esporte busca tentar entender como os indivíduos valorizam o esporte e o lazer, a atividade física para a saúde, a modelagem corporal segundo padrões específicos. Busca, também, identificar sobre quais influências os indivíduos se tornam atletas, como aderem ou não à atividade física para a saúde, como passam ou não a gostar ou se interessar pelos esportes (LOVISOLO, 2011).

Anderson buscou o esporte como forma de reintegrar-se à sociedade.

### **O esporte depois do atletismo**

Ao iniciar os treinos de atletismo, Anderson sentiu-se deslocado, não sabia o que fazer ou em quem apoiar-se. Foi quando conheceu Carlos Bartô, que o acolheu fornecendo-lhe tênis, uniforme e suporte psicológico. Bartô tornou-se um modelo esportivo e pessoal para Anderson.

A família não o apoiou em nenhum aspecto no início de sua trajetória no paratletismo. Seus familiares diziam que o esporte não o levaria a lugar algum. Ele contava com sua força de vontade e com o companheirismo da esposa, também paratleta, que veio a conhecer nos treinos. Atualmente, conta com o apoio de todos que o cercam.

Nesse tocante, pode-se dizer que a família auxilia consideravelmente, pois as possibilidades dos atletas chegarem aos lugares almejados variam de acordo com as condições sociais. Se a família tem recursos, o acesso e a permanência no esporte é facilitada (LOVISOLO, 2011).

Historicamente, segundo Elias e Dunning (1992, p. 188-198), os desportos faziam parte da elite social, o que não é muito diferente dos tempos de hoje. Um atleta

sem apoio financeiro familiar ou de patrocinadores poucas chances teria de manter-se, pois o tempo empregado nos treinos não possibilita a geração de renda.

Anderson treina corrida de segunda a sábado e musculação de duas a três vezes por semana. Quando perguntado sobre as dificuldades que enfrenta para praticar e manter-se no esporte, Anderson afirma que são inúmeras. Recebe, atualmente, o Bolsa-Atleta que utiliza para pagar os custos com atleta guia, suplementação alimentar, uniformes, tênis e afins. Mas a quantia paga pelo programa não é suficiente para tantas necessidades.

Afirma, ainda, que existe a busca por patrocinadores em Minas Gerais, mas que as empresas não estão interessadas em paratletas. Diz que elas não levam em consideração nem mesmo sua posição entre os seis primeiros paratletas do Brasil, ao passo, preferem apoiar jogadores de futebol amador porque têm mais chance de “render os investimentos”.

O esporte é o que a elite dirigente desejou um dia que fosse esporte. É desalentador adotar como legítimo o ponto de vista dessa elite. É um círculo vicioso, a elite quer o que provém lucro e convence a população de que ela também o quer; mas quando a elite percebe a população voltando-se para um lado diferente, articula manobras para reformular seus ganhos (DIAS, 2011).

De acordo com Anderson, o que o fixa a essa modalidade esportiva é o fato de que nela ele depende somente dele, do seu rendimento. Gosta, também, da sensação de excitação que a corrida ocasiona; tanto nos treinos, quanto nas provas. O atletismo inunda todos os âmbitos de sua vida. Revela que quando treina, quando está em casa executando outras tarefas, quando vai dormir, enfim, em todos os momentos; pensa no esporte.

Anderson foi questionado sobre até onde pretende chegar como atleta profissional e disse que não tem limite. Deseja sempre ir além, conquistar novos recordes.

### **A visão da cegueira**

Quando indagado sobre se havia sofrido discriminação após ter perdido a visão, Anderson afirmou que vivenciou várias situações de discriminação. Como exemplo de uma, contou que, na escola, a professora pediu para que os alunos formassem grupos. Todos foram escolhidos, menos Anderson e uma colega pouco popular.

A professora voltou a pedir para que algum grupo convidasse os dois. A colega foi chamada. Em seguida pediu, novamente, para que o convidassem. Ninguém o convidou. Então, ela disse que iriam perder os pontos do trabalho se não o chamassem a participar. Preferiram perder os pontos. Resultado, Anderson saiu da escola.

O fato descrito é impactante em uma sociedade que afirma estar em processo quase totalizado de implantação de programas e políticas de inclusão que visam à melhoria da mesma. É, também, entristecedora a necessidade da criação de políticas públicas para que os indivíduos com necessidades especiais consigam espaço e respeito, deveria ser algo natural, sem a necessidade da obrigação.

Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação e/ou a qualquer incitamento a tal discriminação (UNESCO, 1998). A Constituição Brasileira de 1988 é a primeira carta magna que enfatiza em seu corpo a tutela da pessoa com deficiência como visto no Art. 227 do capítulo 1º (BRASIL, 2009). A Declaração de Salamanca (1994, p. 3; 15), como é conhecida, teve sua base de apoio na ideia de



“escolas para todos”.

Anderson diz: “se for olhar no contexto social [...] essa sociedade, ela meio que exclui a gente. Eu não sei se é porque é uma certa vergonha de andar com o ceguinho, e o ceguinho vai *tá* com uma bengala [...] Mas a verdade é que é essa.” A realidade atual reflete traços sociais históricos, onde os indivíduos com necessidades especiais costumeiramente foram vistos com uma enorme repulsa por grande parte da população (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 208-209).

A valorização do corpo, a idolatria pelo físico simétrico e perfeito sempre foram os referências dos gregos sobre o que é ser uma pessoa normal e virtuosa. Muitos deficientes físicos eram marginalizados e até mesmo eliminados. Porém, um ponto interessante na mitologia grega é a aparição de uma divindade com características de deficiência física, Hefesto, na obra “Ilíada” de Homero. Apresentava-se como detentor de grande habilidade em metalurgia e artes marciais, a despeito de sua deficiência nos membros inferiores (KUTIANSKI e BRAUER JUNIOR, 2010).

Ainda segundo Kutianski e Brauer Junior (2010), com o Renascimento, os indivíduos com necessidades especiais começaram a tornar-se uma preocupação de saúde pública. Já no Capitalismo, o homem é visto como mão de obra de suma importância e o “deficiente” começa a ganhar mercado, com a profissionalização do mesmo.

O Brasil é um país referência quando se trata de direitos e projetos para melhoria da qualidade de vida dos indivíduos com necessidades especiais, sendo reconhecido mundialmente por isto. Porém, ainda há muito a fazer, deve-se investir na humanização e conscientização das crianças a partir da educação para que a sociedade

evolua efetivamente no caminho da inclusão (KUTIANSKI e BRAUER JUNIOR, 2010).

### **E o futuro?**

Anderson disse que antes de tornar-se atleta não pensava em futuro, nem pessoal, nem profissional e nem financeiro. Agora, pensa em fazer cursos e criar um fundo de reserva. Diz, também, que “o esporte o ensinou a ser um cidadão”.

Ele expõe em palestras esporádicas sobre motivação, utilizando-se do próprio exemplo de vida. Segundo ele, quer “trabalhar auxiliando” pessoas com sua vivência. Porém, em certo momento da entrevista, transpareceu pouca segurança, o que pode demonstrar que não há um planejamento efetivo para o futuro, caso não pratique mais o esporte profissionalmente.

Poucos atletas profissionais do esporte adaptado se preparam para a aposentadoria, em termos financeiros. A minoria recebe auxílio informativo das organizações esportivas quanto a essa questão, mas preocupam-se pouco de forma efetiva e parece que procuram não pensar. A aposentadoria é o mesmo que o afastamento de uma dependência, o esporte.

Praticamente todos os atletas temem esse momento. Em certos casos, os atletas conscientizam-se dessas perdas somente depois de alguns anos (BRAZUNA e MAUERBERG-DECASTRO, 2001).

Anderson gostaria que sua entrevista chegasse tanto aos professores de Educação Física, quanto às demais pessoas sem vínculo direto com o esporte. Ou seja, que fosse uma “mensagem a todos os cidadãos”. Pede para que as pessoas informem-se melhor sobre os indivíduos com necessidades especiais.

Disse que ele próprio foi preconceituoso um dia e que agora sente o que é o preconceito. “Os indivíduos com necessidades especiais também vivem, do mesmo modo que os outros seres humanos”. Diz, ainda, que “faltam treinadores especializados no esporte adaptado e que esse fato prejudica o paratleta e o esporte em si”.

### **Apontamentos finais**

A pesquisa sobre a história de vida de Anderson Coelho insinua o perfil do atleta com necessidades especiais e do esporte adaptado atual. Através dela é possível pensar sobre o quanto parte da sociedade ainda está frágil e até mesmo indiferente às questões expostas.

Muito se diz sobre superação, inclusão e adaptação. Muitas leis vão sendo promulgadas. Mas, na realidade, as propostas são pouco efetivas. A formação de profissionais especializados em treinamento esportivo para indivíduos com necessidades especiais é insatisfatória.

O suporte financeiro oferecido é insuficiente. A mídia nos oferece imagens de atletas satisfeitos, porém esconde a realidade do cotidiano nos treinos.

A palavra inclusão ecoa por todos os lados, porém os indivíduos com necessidades especiais não a ouvem tão claramente.

Com base nas observações e no relato sugerem-se os questionamentos: Por que muitas pessoas têm medo de estar perto de um indivíduo com necessidades especiais? O que fazer quando precisamos lidar com eles, todos os dias? Eles são tão diferentes assim? Essas questões ficam pendentes, sempre.

No esporte, há que se admitir uma evolução em função dos indivíduos com necessidades especiais. Mas, será que essas mudanças são tão grandes quanto à superação dos próprios paratletas?

A educação e a conscientização da população, em especial as crianças, pode ser a diferença na efetivação da palavra igualdade.

## Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (Org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 155-202.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Saraiva, Edição 38, 2009.

BRAZUNA, Melissa R.; MAUERBERG-DECASTRO, Eliane. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. *Motriz*. São Paulo, n. 7, n. 2, p. 115-123, jul./dez. 2001.

BOOTH, Douglas. História do esporte: abordagens em mutação. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2011.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br>>. Acesso em 16 fev. 2013.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E ENQUADRAMENTO DA AÇÃO. Conferência mundial sobre necessidades educativas especiais: acesso e qualidade. Salamanca, Espanha, jun. 1994.

DIAS, Cleber. Primórdios do *sport* em terras brasileiras: um debate em aberto? *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 265-271, jan./mar. 2011.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial. 1992.

HUMEREZ, Dorisdaia C. História de vida: instrumento para captação de dados na pesquisa qualitativa. *Acta Paul. Enf*. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 32-37, 1998.

KUTIANSKI, Felipe A. T.; BRAUER JUNIOR, André G. Da antiguidade a contemporaneidade: uma revisão histórica do preconceito aos deficientes físicos na sociedade. *Cadernos da Escola de Educação e Humanidades*. Curitiba, n. 5, 2010.

LOVISOLO, Hugo R. Sociologia do esporte: temas e problemas. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 80-91, jul. 2011.

MARQUES, Renato F. R.; DUARTE, Edison; GUTIERREZ, Gustavo L.; ALMEIDA, José J. G.; MIRANDA, Tatiane J. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*. São Paulo, v. 23, n. 4, p. 365-77, out./dez. 2009.

RUBIO, Katia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Rev. paul. Educ. Fís.* São Paulo, n. 16, v. 2, p. 130-43, jul./dez. 2002.

SAMULSKI, Dietmar; NOCE, Franco. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. *Rev. Bras. Med. Esporte*. v. 8, n. 4, jul./ago. 2002.

UNESCO. Declaração universal dos direitos humanos. Brasília, dez, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em 16 fev. 2013.

VAZ, Leopoldo G. D. O “*sportman*” Antonio Lopes da Cunha. *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, dez. 2009.